

A CONSTRUÇÃO DO “SI MESMO” FRENTE AOS PARADIGMAS DAS REDES SOCIAIS

Leonardo Maia Santos

Arali Helena Stort

(Universidade de Franca- UNIFRAN – Franca – SP)

Resumo

Este estudo buscou apresentar algumas considerações sobre o advento da internet e das redes sociais, quanto às influências destes mecanismos na construção da identidade de seus usuários. Utilizando-se do referencial psicanalítico, buscou-se conceituar o “si mesmo” e compreender a relação da selfie (autorretrato) na construção dos indivíduos virtuais. Contudo, evidenciou-se aspectos relacionados à perda de identidades subjetivas e as mudanças culturais dos relacionamentos humanos, hoje dependentes dos meios digitais.

Palavras-chave: self; selfie; psicanálise; internet.

Abstract

A Construction "Self" Forward to the Paradigm of Social Networks

This study sought to present some considerations about the advent of the internet and social networks, as to the influence of these mechanisms in the construction of the identity of its users. Using the psychoanalytic framework, we sought to conceptualize the "self" and to understand the relation of selfie (self-portrait) in the construction of virtual individuals. However, aspects related to the loss of subjective identities and the cultural changes of human relationships, nowadays dependent on digital media, were evidenced.

Keywords: self; selfie; psychoanalysis; internet.

Introdução

Visto as crescentes mudanças tecnológicas datadas desde o final do século XIX até os anos finais da segunda década do século XXI, considerando as grandes mudanças nos aspectos intelectuais (Leitão & Nicolaci-Da-Costa, 2003 citado por

Romão-Dias & Nicolaci-Da-Costa, 2005), é possível pensar que atualmente estar conectado tem se tornado condição *sine qua non* para que o usuário das redes sociais perceba-se inserido socialmente no contexto virtual.

O desenvolvimento das mídias contemporâneas (publicidade, filmes, novelas, jornais) e principalmente dos

meios de comunicação, por exemplo, a internet, possibilitou um avanço significativo na constituição das sociedades de massa ao longo da história (Silveira, 2004 citado por Moreira, 2010), que contribuíram para os atuais modelos de interação interpessoal do século XXI, que permeiam parte do objeto de estudo deste trabalho.

A internet surge como um sistema imensurável de rede de computadores que, se conectam entre si e possibilitam a comunicação de modo mais ágil e prático. Através de um conjunto de protocolos, as informações são transmitidas e recebidas em diversos espaços equipamentos como: rádio, linhas telefônicas, satélite, fibra óptica, entre outros (Nobre & Moreira, 2013).

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostrou que no ano de 2016 a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, identificou numa amostra (n= 179.424 mil) que cerca de 64,7% da população acima de 10 anos de idade utilizam a internet. O público feminino é o maior usuário com 65,5% enquanto que o público masculino representa 63,8%. A amostra ainda apresenta que 85% desses usuários são jovens com idade entre 18 e 24 anos. Os equipamentos mais utilizados para acesso à internet respectivamente: Celular (94,6%); Microcomputador (63,7%) e; Tablet

(16,4%). Quase 95% dos usuários utilizam a internet para enviar mensagens de texto, voz ou imagens. Cerca de 76% assistem vídeos, programas ou séries. 73,3% realizam chamadas de vídeo ou voz e; 69,3% utilizam para receber e/ou enviar e-mails. A região Sudeste é a que mais utiliza os serviços de internet com quase 80% da população e 97% utilizam celular para se conectarem à internet (IBGE, 2018)

Segundo Moreira (2010), as mídias têm poder de significar e interpretar o mundo, desta forma são capazes de determinar modos de existência, delinear aspectos subjetivos dos indivíduos que nela se conectam e/ou podem alienar. O autor ainda concorda que a interação via internet possibilita a vivência do imediatismo, em que os sujeitos são acometidos pela perda de sua historicidade ao priorizarem o presente e omitirem o espaço temporal de passado e futuro. De acordo com Megale e Teixeira (1998 citado por Moreira, 2010), o uso da internet propicia aos indivíduos a perda de conexão com a vida (real).

Assim podemos pensar que a mídia virtual cria uma espécie de subjetividade exteriorizada, prisioneira em sua solidão, mas sem tempo para a auto-reflexão, já que o importante é conectar-se no ciberespaço. *Um Eu que se encontra preso na tela do*

computador. (Moreira, 2010) (grifo nosso)

Mídias, internet e subjetividade são temas que possibilitam um diálogo bastante pertinente em relação a construção do *self* (si mesmo) no contexto social deste período histórico. Segundo Lanzarin (2000), o indivíduo inserido no mundo virtual tem autonomia para estabelecer a imagem que deseja, criando um personagem sem relação com o corpo real (acorporeidade).

Como forma de compreender o sujeito que se insere na *internet*, é necessário expor alguns conceitos que sustentarão toda a compreensão deste estudo e o olhar pelo qual se investigou. A antropologia explica que o contexto social e cultural é o grande responsável pela formação do homem e suas relações com a sociedade. Propõe ainda que esta relação sujeito/sociedade é um espaço onde possibilita simbolizar as interações humanas (Ferreira, 2008). Segundo o mesmo autor, o corpo é *locus* de uma série de acontecimentos que refletem aspectos da sociedade em que o indivíduo está inserido, sociedade esta que busca enaltecer cada vez mais a cultura do “individualismo, narcisismo, hedonismo e consumo” (p. 473). Nesta perspectiva constituiu-se então a identidade do indivíduo em relação ao próprio corpo e sociedade. “O corpo é

socialmente construído” (Le Breton, 1992 citado por Ferreira, 2008).

A psicanálise por sua vez, compreende que o ser humano é fruto de suas vivências e também de como o indivíduo simboliza os eventos de sua vida. Para tanto, cada autor estabelece algumas ideias sobre a formação do *Self* e cada uma dessas contribui para o entendimento do indivíduo no período em que vive.

Segundo Guanaes e Japur (2003), a construção do *self* ainda é bastante variável no campo da psicologia ao utilizar como exemplo a psicanálise, que apresenta entre seus diversos teóricos um leque de compreensões acerca do mesmo conceito.

Para tanto, a compreensão deste trabalho se norteou à luz dos conhecimentos da psicanálise, em especial às teorias de Winnicott no que diz respeito aos conceitos: *Self* e Ambiente e também da colaboração da Sociologia. Buscou-se entender como são estabelecidas as identidades virtuais e como o *Self* – instância psíquica que compreende a totalidade do sujeito – é construído nas redes sociais através de temas como: *selfie* (autorretrato), identidade e subjetividade.

A fim de se compreender a construção do *Self* (real e virtual), este trabalho se propôs a contribuir com as pesquisas cada vez mais crescentes em relação ao uso da internet, buscou-se

compreender os aspectos identitários com relação às conexões virtuais e seus impactos sociais nos usuários, utilizando do material bibliográfico disponível nas bases de dados científicos.

Metodologia

O presente trabalho, tratou-se de uma pesquisa bibliográfica da literatura científica disponível na base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e, da plataforma Periódicos CAPES, além de livros disponíveis na língua portuguesa que contribuíram para a construção do *corpus* teórico.

Conceitua-se a pesquisa bibliográfica como aquela que busca relatar de forma textual, os achados científicos propostos pelo autor para argumentar suas convicções. Embora não tenha um rigor metodológico, utiliza-se de profunda pesquisa literária para subsidiar o que busca investigar. Este formato de pesquisa é desenvolvido através de materiais já produzidos (livros e artigos científicos) e permite ao pesquisador uma facilidade no agrupamento de informações sobre o tema que propõe estudar, pois o mesmo tem a bibliografia para subsidiar suas hipóteses sem obstáculos maiores (Gil, 1987; Casarin, 2012). Utilizou-se os seguintes descritores: self “AND” psicanálise; selfie “AND” psicanálise; internet “AND” psicanálise.

Foram encontrados ao todo 95 artigos no período de 2000 a 2018, na base de dados SCIELO, que foram submetidos à leitura dos resumos e selecionados aqueles que se adequavam ao objetivo do estudo, resultando assim o total de 12 artigos que foram lidos na íntegra. Os livros utilizados foram selecionados devido ao referencial teórico abordado no trabalho. Utilizou-se ainda de dados obtidos nos arquivos do site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para caracterizar os indivíduos que fazem uso da *internet*. Foram criadas categorias de análise para a construção dos resultados da pesquisa, assim sendo: Processo Identitário; Identidade Virtual e; *Selfie* (autorretrato).

Resultados e Discussão

A teoria psicanalítica

Pressupõe-se ao falar de psicanálise explicar alguns conceitos primordiais da teoria de Freud, já que este é o autor inicial desta abordagem psicológica. Em síntese, a psicanálise foi constituída por duas hipóteses primordiais estabelecidas por Freud, sendo a primeira o *Determinismo Psíquico* referindo-se aos eventos causais da vida e a segunda *Existência do Inconsciente* que é um dos maiores aspectos da teoria psicanalítica e que está ligada à uma vida mental que se manifesta ao longo

de todo processo de vida dos indivíduos (Brenner, 1987 citado por Guanaes & Japur, 2003). Não obstante, a teoria psicanalítica propõe um modelo para compreensão da vida mental; assim, surgem duas teorias: Teoria Topográfica e Teoria Estrutural (chamadas por Freud respectivamente de primeira e segunda tópica).

A primeira teoria se encarregava de dividir a mente em três áreas específicas e cada qual com suas funções (Consciente, Pré-consciente e Inconsciente). Para tanto, esta teoria ainda carecia de fundamentações teórico-práticas; assim foi proposto a segunda teoria com a finalidade de aprofundar mais os estudos sobre a mente, surgem então as funções psíquicas que controlam a atividade mental: Id responsável pelas pulsões; Ego, encarregado pelo controle e adiamento dos impulsos; e, por fim, o Superego, caracterizado como função de estabelecer e manter aspectos morais do indivíduo através de suas relações (Kaplan, Sadock & Grebb, 1997 citado por Guanaes & Japur, 2003).

A teoria freudiana propõe ainda que toda vida mental está inteiramente “organizada” pelos conflitos internos da batalha entre id e superego. A teoria proposta por Freud não deixou claro um conceito de *Self*, apenas o termo *Ich* que

pode ser traduzido como ego ou eu mesmo, porém ainda controverso.

Para Melanie Klein, é somente a partir da interiorização da figura materna que a criança se torna capaz de representar seu próprio *self*, primeiro pelo corpo e posteriormente através de suas vivências compreendidas como suas e sem relação com a mãe (Guanaes & Japur, 2003).

A teoria Kleiniana pressupõe que existem processos inconscientes, desde o nascimento do bebê, que são determinantes na construção do eu. Para Melanie Klein, o sujeito deve vivenciar estágios denominados de posição (Posição esquizo-paranoide e Posição Depressiva), processos estes determinantes para a constituição do eu mesmo do sujeito (Segal, 1975).

A posição esquizo-paranoide surge a partir da ansiedade gerada pelo instinto de morte e instinto de vida, desta forma o ego é dividido (*splitting*) e projeta partes suas do instinto de morte no objeto externo (o seio), este por sua vez é percebido como ameaçador ao ego. Da mesma forma é projetado para seu exterior objetos de prazer que possam satisfazer as necessidades do ego em favor da proteção da vida. Klein propõe nomeá-la de esquizo-paranoide, pois percebe que a ansiedade neste momento é paranoide e o ego sofre por um processo de divisão (*splitting*) que é esquizoide (Segal, 1975).

O objetivo do bebê é tentar adquirir, manter dentro e identificar-se com o objeto ideal, que ele vê como algo que lhe dá vida e como algo protetor, bem como manter fora o objeto mau e aquelas partes do eu (self) que contêm instinto de morte. Na posição esquizo-paranóide, a ansiedade predominante é a de que o objeto ou objetos perseguidores entrarão no ego e dominarão e aniquilarão tanto o objeto ideal quanto o eu (self) (Segal, 1975, p.38)

Segal (1975) afirma que para que o indivíduo possa ultrapassar a posição esquizo-paranóide e alcançar a posição depressiva, é importante que exista prevalência das vivências boas (afeto, amor, etc) em relação às más (frustração, abandono, etc) e predominância do instinto de vida, constituindo assim um ego capaz de compreender si mesmo e integrar seus objetos de modo a diminuir o uso de mecanismos projetivos.

A posição depressiva, segundo Segal (1975), ocorre quando o bebê é capaz de experimentar de forma mais estável a integração do ego. Para Klein, é neste momento que o bebê reconhece e interage com o “objeto total” e não mais somente com partes separadas da mãe. Ao reconhecer o objeto total (a mãe), significa que o bebê já é capaz de compreender que o

seio que lhe sustenta, dá prazer e é bom, faz parte de uma mãe que também pode ser má às vezes, entende ainda que as suas experiências não estão relacionadas ao seio da mãe, mas sim a sua relação com ela, portanto reconhece que é dependente da mãe e que tem ciúmes dela.

Diferente da posição esquizo-paranóide, a posição depressiva tem como principal gerador de ansiedade a ambivalência de sentimentos quanto ao objeto total, como se seus impulsos pudessem destruir o objeto idealizado do qual depende. Ocorre também neste período de dualidade de sentimentos – bons e maus – que o bebê, ao se diferenciar da mãe e experienciar a realidade interna com maior frequência, torna-se gradualmente capaz de compreender que podem coexistir sentimentos ambivalentes e que os mesmos podem ser reparados quando são devorados/destruídos por ele (Segal, 1975).

A posição depressiva é progressivamente elaborada de acordo com os objetos experimentados. O bebê é capaz de amar e entender as pessoas como diferentes, compreende seus impulsos e sentimentos, para conseguir enfim estabelecer um superego íntegro. Em sua teoria Klein afirma que a posição depressiva nunca é totalmente elaborada, pois sempre estão evidentes as ansiedades relacionadas aos objetos internos e externos

experimentados ao longo desta fase de construção do eu (Segal, 1975).

Por sua vez, a teoria de Winnicott, explica que, no início da vida do bebê, não existe uma instância de “si mesmo”, o processo que ali existe é devido à relação que se estabelece com o ambiente, sensações e reações sociais. Observa-se ainda que toda a saúde mental do indivíduo está relacionada com os cuidados primordiais oferecidos por uma mãe suficientemente boa que possibilitam a construção do *self* a partir daquilo que lhe foi transmitido desde seu nascimento (Winnicott, 1983). Não obstante, o bebê necessita de cuidados e de um ambiente que proporcione um espaço que possa se desenvolver, se tornar mais autônomo e capaz de atingir a independência, permitindo assim que seja mentalmente saudável.

Neste sentido, Winnicott (1975) ao tratar da construção do Self, explica que a busca pelo “eu” é inerente à criatividade. Em seu livro “O Brincar e a Realidade” (1975), o autor enfatiza que é somente na experiência do brincar que o sujeito consegue ser criativo e assim então ser capaz de descobrir seu *self*. Safra (1999), explica que o *self* não é limitado em sua constituição, está sempre em constante desenvolvimento e que este processo faz parte do “ser” humano.

A teoria de Winnicott sobre o amadurecimento humano explica que o bebê passa a construir seus processos mentais (ego, realidade, *self*) através da apercepção e ilusão, pelo contato com a mãe e sua relação com os objetos subjetivos, objetos percebidos objetivamente e/ou objetos “não-eu”, que são organizados numa realidade psíquica que, é fruto da relação com o ambiente externo e com independência de sua identidade (Lescovar, 2004; Safra, 1999).

Em relação ao processo criativo, entende-se que “muitos indivíduos experimentam suficientemente o viver criativo para reconhecer, de maneira tantalizante, a forma não criativa pela qual estão vivendo, como se estivessem presos à criatividade de outrem, ou de uma máquina” (Winnicott, 1975, p.95).

Pensando neste aspecto da criatividade evidenciado por Winnicott (1975), há de questionar sobre as formas de expressão do brincar humano. Se para o autor a construção do eu se dá pelo brincar e pelo processo criativo, a internet surge como uma possibilidade de “ser eu”. Entretanto, o que se observa é um brincar pouco criativo, muitas vezes relacionado a patologias psiquiátricas, pois segundo o autor, viver sem criatividade é estar caminhando de encontro para uma vida sem propósito.

O uso demasiado das redes sociais, apresenta a construção de identidades sob os moldes determinados por uma vastidão de subculturas, que ora poderiam e podem ser benéficas à construção social de indivíduos. Entretanto, a realidade externa passa a caracterizar a subjetividade dos sujeitos e, pode então gerar transtornos psíquicos em seu estado mental. Fala-se, portanto, de uma ilusão quanto à sua construção do eu e também da possível existência de uma personalidade esquizóide. Mesmo com esta relação com a esquizofrenia, o sujeito pode levar uma vida satisfatória, porém com pouco contato com o mundo externo (Winnicott, 1973).

Há de se esclarecer ainda outro termo evidenciado na teoria winnicottiana: *Falso-Self*. Este, caracterizado pelas falhas e distorções que ocorrem no processo criativo do bebê e, constroem pseudo-identificações do *Self* real do indivíduo e favorecendo a integridade de um self fragilizado, vivendo um não-eu (Winnicott, 1983; Dos Santos, 1999). Ao evidenciar o conceito de falso-self, podemos conhecer um sujeito que esconde sua mais profunda subjetividade e apresenta uma máscara de si mesmo. As possibilidades de um perfil *online* sugerem de certo modo uma forma de manter a integridade do ego de um sujeito fragilizado. A *internet* se torna a mãe suficientemente boa, aquela que acolhe e apresenta o mundo à criança. É neste

ambiente que se torna possível elaborar os conflitos internos e/ou preservar sua saúde por meio do processo criativo e do brincar.

Sobre o processo identitário

A teoria psicanalítica trata acerca do tema da construção do “eu” a partir da desconstrução daquilo que já se estudou e têm-se estudado sobre a formação da identidade. Desta forma a psicanálise se propõe a investigar os processos inconscientes do sujeito, atribuindo ao “eu” um papel não somente superficial, mas creditando a esta função psíquica a construção da subjetividade no sujeito (Elliot, 1996).

Não obstante, o desenvolvimento da função do “eu” está intimamente interligado ao inconsciente, ou seja, um “eu oculto” que passa a fazer parte do funcionamento psíquico do indivíduo. Esta função é responsável por uma dimensão da subjetividade que o sujeito vivencia: fantasias, impulsos e paixões. Este mecanismo é conhecido ainda como “*cisão fundamental*” e, diferente do papel do “id”, a cisão está relacionada à consciência desperta em relação ao inconsciente, sobretudo naquilo que foi reprimido, onde se busca através da psicanálise a compreensão da organização do “eu” (Elliot, 1996).

Para tanto, Freud (1923/2016) ao evidenciar em seu texto sobre o Eu e o Id, explica que “um elemento psíquico – por exemplo, uma ideia – normalmente não é consciente de forma duradoura. É típico, isto sim, que o estado de consciência passe com rapidez (...), mas pode voltar a sê-lo em determinadas condições fáceis de se produzirem” (p. 16).

Winnicott (1983), ao tratar de sua teoria sobre os processos de maturação da criança, retoma seu conceito de *mãe suficientemente boa* para assim explicar sobre a construção do ego do bebê. O autor aponta que é somente através dos cuidados oferecidos pela figura materna, da relação satisfatória mãe-filho, que é possível o desenvolvimento saudável e a construção de um ego estruturado. Winnicott evidencia ainda que “quando a mãe não é suficientemente boa a criança não é capaz de começar a maturação do ego, ou então ao fazê-lo o desenvolvimento do ego ocorre necessariamente distorcido em certos aspectos vitalmente importantes” (Winnicott, 1983, p. 56).

Embora o autor enfatize os processos de maturação saudáveis, não deixa de pontuar algumas particularidades decorrentes da má relação mãe-filho. Ele explica que podem existir confusões da mãe em relação às satisfações do bebê, visto que a mesma, na tentativa de ser suficiente, pode

não estar satisfazendo necessariamente a fome ao oferecer alimentos. Esta “confusão” contribui para que a criança mantenha-se imatura e possa sofrer – segundo o autor – uma ansiedade inimaginável. A experiência desta ansiedade conduz a criança a variáveis prejudiciais ao seu desenvolvimento e envolvem aspectos relacionados à perda e distorções da função do ego, desenvolvimento de um *falso self* ou então consequências mais graves com características esquizóides (Winnicott, 1983).

Quanto ao *falso self*, surge como uma função de proteção das ameaças ambientais direcionadas ao verdadeiro *self* e que possam levar à regressão e aos estados de não-integração, estes prejudiciais ao ego. Existe a noção de que as vivências experimentadas pelo bebê que não foram significadas, proporcionam o surgimento da função de *falso self*, que a depender de sua organização pode preservar o estado saudável do psiquismo ou então às distorções do ego (Dos Santos, 1999)

Identidade virtual

Com o surgimento das tecnologias e o advento do processo de industrialização, a vida dos indivíduos também sofre alterações, não somente nas práticas

laborais e na mobilidade do campo para as cidades. Ocorre que nesta constante mudança de paradigmas vivenciados no século passado, as relações entre os sujeitos também se modificam e, conseqüentemente, as formas de expressão também (Palfrey & Gasser, 2011).

A construção da identidade também sofre alterações ao longo da história humana. Desta forma, compreende-se que a identidade é uma apresentação do sujeito através de sua cultura, aparência, subjetividade e etc. Todas essas características constroem socialmente o “que se chama ‘eu’: o eu profissional, o eu religioso, o eu torcedor, o eu paterno etc.” (Matuck & Meucci, 2008 p.159).

Segundo Palfrey e Gasser (2011), a identidade dos indivíduos no século XIX era bastante diferente da que se tem percebido nas últimas décadas. Os autores explicam que no período anterior à industrialização, a identidade era construída sob os moldes da vila ou aldeia em que o sujeito vivia e que suas ações determinavam de modo irreversível o modo como era visto perante a comunidade. Esta visão, hoje ultrapassada, somente refutou-se com o surgimento das grandes cidades e do desenvolvimento tecnológico.

É neste período de mobilidade urbana – da transição do homem do campo para as grandes metrópoles – que novas configurações sociais são estabelecidas. Os

indivíduos influenciados por novas formas de se inserir no contexto social, alteram o modo de se constituírem como sujeito ao se entregarem ao consumismo e à urbanização. Bauman (2001), explica em seu livro “Modernidade Líquida” que um novo paradigma foi proposto socialmente e, cabia aos indivíduos a liberdade de propor novas formas de se viver, adaptar e acomodar às transformações. O autor aponta ainda às perdas sociais evidenciadas ao longo do desenvolvimento da sociedade, como por exemplo a falta de padrões, códigos e regras gerais que, vêm sendo substituídos por configurações múltiplas e individuais. Neste sentido, observa-se a perda da noção de identidade, de quem se é socialmente e, reproduzem os padrões esperados da época. Movidos pela facilidade oferecida pelos recursos da indústria, o sujeito podia se deslocar com maior facilidade, conhecer outras comunidades e estabelecer novos padrões vida (Palfrey & Gasser, 2011).

Palfrey e Gasser (2011) evidenciam que, o surgimento da internet segue o mesmo percurso da industrialização nos séculos anteriores, exceto pelo fato da velocidade no processamento de informações, que é incomparável. Matuck e Meucci (2008) afirmam que o advento dos veículos de comunicação em massa possibilitou a construção de identidades por meio de processos de (a)culturação, que

conceberam os padrões de comportamento e formação identitária.

A internet apresenta um espaço onde é possível descrever sua identidade pessoal e torná-la virtual de modo visível para milhares de expectadores através do uso das redes sociais (Matuck & Meucci, 2008; Moreira, 2010). Embora possa alterar as características de sua identidade e torna-las “atrativas” e/ou anônima, ainda assim existirão traços associados a ela naquele espaço.

Neste sentido, Lanzarin (200) afirma que através do anonimato disponível nas redes sociais, o sujeito não recebe o mesmo julgamento social comum nas relações interpessoais, o julgamento passa ser mais estético do que de condutas éticas/morais. A ausência deste olhar crítico, autoriza a manifestação de comportamentos que não existiriam sem o uso de máscaras. O autor ainda explica que o atual contexto socioeconômico, limita as condições humanas ao propor normas sociais invariáveis de beleza, consumo e profissionais, quase impossíveis de serem alcançadas. Desta forma, o indivíduo que não concretiza seus ideais reais, recorre ao ciberespaço como estratégia de satisfação de seus desejos simbólicos.

Palfrey e Gasser (2011) explicam que o adolescente que faz uso da *internet* e que se encontra em processo de construção

da identidade, pode criar perfis de si mesmo e fantasiar-se de uma identidade que acredita ser ideal, ou seja, mudar constantemente as fotos de perfil das redes sociais para representar sentimentos, fazer reflexões acerca de seus conflitos pessoais e entre outras diversas formas de uso das plataformas digitais. Os autores chamam de “reputações mutantes” os casos de identidades virtuais mascaradas e alertam para os riscos à identidade social daqueles que se utilizam de tais artifícios.

Ao tratar da internet como veículo de expressão humana, compreende-se que ela se faz de palco para as representações de idealizações dos sujeitos nela inseridos. É possível, neste contexto de (a)corporeidade, construir uma identidade sem relação própria com o corpo físico. Assim, o indivíduo passa a existir virtualmente em razão da realização de seu desejo (Lanzarin, 2000).

Selfie (autorretrato)

Os ambientes virtuais, conhecidos como redes sociais, surgem na década de 1990 e ganham espaço entre os usuários rapidamente. Estes sites têm como objetivos a criação de espaços para o desenvolvimento de grupos sociais e compartilhamento de conexões, afinidades, interesses e etc (Rosa, 2015).

Quando inserido no ciberespaço, o sujeito, arquiteto de sua identidade virtual, organiza seu perfil *online* utilizando-se de funcionalidades das redes sociais que permitem a apresentação de características pessoais, fotos e narrativas de sua subjetividade que juntas compõem a personagem que se revelará como indivíduo virtual (Matuck & Meucci, 2008; Palfrey & Gasser, 2011).

Palfrey e Gasser (2011) explicam que a internet funciona como um “laboratório virtual para experimentos no desenvolvimento da identidade” (p. 36), assim seus usuários utilizam as redes sociais para marcarem suas identidades em perfis *online*. Os autores apontam o fato de que os jovens utilizam tais mídias para se conectarem com outros por meio de afinidades e amizades em comum, direcionam seus interesses e aptidões e até mesmo iniciam relacionamentos amorosos.

Em razão da semelhança da comunicação presencial à comunicação virtual, compreende-se que existem repercussões na subjetividade em ambos modelos de interações humanas. Entretanto, têm se observado o crescimento cada vez maior do uso das redes virtuais, que têm substituído os encontros presenciais, postulando então o surgimento da Era do Tecnocentrismo. Bauman (2001) aponta para a dependência cada vez maior dos recursos tecnológicos e ainda do embate do

humano-tempo, que se tornou grande inimigo do avanço da modernidade e também das relações interpessoais. Estas afirmações indicam que, o campo das redes sociais requer estudos mais aprofundados sobre a temática das relações humanas no contexto virtual e se existem prejuízos nesta (Rosa, 2015).

Rosa (2015), aponta para a dicotomia entre os mundos presencial e virtual, em que a realidade presencial surge nas redes sociais do modo como o sujeito deseja. As vivências presenciais são registradas através de fotos e vídeos e são inseridas nas redes sociais de modo a expor à comunidade virtual a identidade daquele perfil que faz a postagem. Assim, “a representação da vida e, por conseguinte, do si mesmo encontra seu resplendor nos perfis e nas postagens. Todos querem se expressar. Opinar, ver, mostrar, esconder, participar e ser” (Rosa, 2015, p.426).

Pesquisas apontam que o contexto das redes sociais apresentam diversas formas de representação das subjetividades dos usuários, que embora exteriorizem suas percepções sobre o mundo, acabam se tornando uma representação vazia, solitária, fragmentada, pouco reflexiva e em casos extremos a inexistência da singularidade (Nicolaci-Da-Costa, 2004; Moreira, 2008; Sobrinho, 2014; Rosa, 2015).

Sobrinho (2014) caracteriza os usuários das redes sociais como detentores

de múltiplas identidades, que, embora não sejam determinadas, auxiliam provisoriamente a identificação com os objetos do mundo virtual. A autora explica que para os usuários das redes sociais, não existe uma única identidade imutável e que eles assumem várias formas de si mesmos de acordo com o ambiente em que está inserido.

As redes sociais permitem que seus usuários possam de se comunicar, compartilhar conteúdos e experiências. Tem-se como exemplo as plataformas *Facebook*, *Instagram* e entre outras, que permitem a conexão de seus usuários. Neste sentido, essas redes sociais ganharam notório espaço entre os indivíduos por oferecem o *locus* virtual de expressão de si mesmos à uma população ilimitada de sua rede de contatos. Os atores que atuam neste campo estabelecem normas culturais e de expressão que se enraízam na vida de vários outros protagonistas. É neste contexto *cibercultural* que surge o termo *Selfie* (Matuck & Meucci, 2008; Palfrey & Gasser, 2011; Rosa, 2015).

Conceituado pelo Dicionário Oxford no ano de 2013, a *Selfie* é compreendida como uma foto tirada de si mesmo (autorretrato), comumente com o uso de *smartphones* ou *webcam* e publicada nas redes sociais. Traduzido literalmente, o termo *self* significa “eu” e é acrescido de

um sufixo “ie”, derivado da língua norte-americana.

Sobrinho (2014), enfatiza que o uso frequente da *selfie* apresenta um sujeito que faz culto a sua própria imagem, esta por sua vez é constantemente substituída por outras que verificam a sua superexposição.

O autorretrato – fotografia de si mesmo – surge como mecanismo de comunicação através de imagens e comentários, devido a isso seu caráter social. Para tanto, a fotografia realizada com a finalidade de publicação em alguma rede social sugere a compreensão de uma manifestação narcisista, onde o sujeito, em primeiro plano fotográfico, constrói uma imagem do ideal de si mesmo e a publica em uma das redes sociais para o outro possa defini-lo como sujeito, aprovando ou não sua existência (Moreira, 2010; Sobrinho, 2014; Dos Santos, 2016).

Desta forma, o número de “curtidas” se torna um artifício de escalação e avaliação do impacto do sujeito nas redes sociais, ou seja, quanto maior quantidade de curtidas, mais inserido e influente se “é”. A *selfie*, portanto, surge para suprir a necessidade do olhar que o outro tem do sujeito e também da sua própria autoavaliação. O desejo de ser no mundo e se representar.

Ao tratar de ambientes virtuais e também do processo cultural nele expresso,

observa-se – sem necessariamente atribuir um rigor metodológico – a presença de agentes influenciadores de conteúdos na *internet*, como se não bastassem os padrões culturais previamente estabelecidos (peso, altura, moda, inclinação política, etc.), os chamados *influencers* – usuários com maior alcance de publicações – caracterizam normas e padrões de aceitação virtual e tornam-se objeto de desejo dos sujeitos coadjuvantes do cenário virtual. Dos Santos (2016) aponta para a existência de distinções particulares dos relacionamentos, em que existe um emissor e receptor, que embora sejam ações divergentes, nas redes sociais podem coexistir, autorizando que os usuários sejam produtores sociais. Desta forma, fica claro que as postagens, em geral, não simbolizam uma construção individual de sujeitos sociais, mas sim, uma identidade formada pelo referencial coletivo.

A *selfie*, como expressão do narcisismo do sujeito, busca representar uma narrativa de algum contexto, entretanto, vazia de emoções. Nicolaci-da-Costa (2004), considera que a internet se tornou ao longo dos anos uma organização social mais fluída e cada vez mais rasa. Em outras palavras, a falta de *Self* se faz uma problemática quanto ao uso demasiado de *selfies*, por evidenciar uma vivência de *false self*, como a proposta por Winnicott em sua teoria. Têm-se um sujeito com o ego fragilizado, adoecido e pouco criativo,

sugerindo desta forma poucas condições de saúde mental.

Considerações Finais

Nota-se que a construção do “eu” tem sofrido alterações em razão do advento das redes sociais e suas subculturas. Contudo, evidenciou-se alguns aspectos relacionados à construção do eu no contexto virtual oferecido pelas redes sociais, como a falta de aspectos subjetivos e a multiplicidade de identidades possíveis através dos perfis *online*. Ficou evidente ainda que, essa nova realidade impõe uma necessidade de adaptação, transformação e transição no que tange aos novos paradigmas sociais e virtuais, demonstrando assim que se faz necessário investigar se existem danos à saúde psíquica dos usuários das redes sociais e identificar quais, além de verificar os aspectos positivos no desenvolvimento desta tecnologia bem como das possibilidades que dela podem surgir.

Há de se concordar que a discussão aqui proposta, apresenta limitações, pois não preenche algumas lacunas que futuramente podem ser aprimoradas com novas fontes de saber (artigos, pesquisas, discussões, reflexões). Acredita-se que a temática possa ser discutida em momentos oportunos e através de pesquisas empíricas quanto as vantagens do uso das redes sociais

e também das possíveis patologias relacionadas ao uso da internet

Neste primeiro momento, buscou-se contextualizar, conceituar e tornar público alguns pontos de discussão quanto à relação da construção do *self* e a superexposição dos sujeitos através da *selfie*. Onde percebeu-se a existência de fatores sociais que influenciam na construção da personalidade dos usuários, bem como a falta de aspectos subjetivos em razão dos ideais coletivos.

Estar conectado nas redes sociais, permite a ampliação de conexões distantes, isto deve ser considerado, entretanto, o que se questiona é a perda da identidade subjetiva dos usuários. Os padrões culturais estabelecidos nas plataformas digitais já se mostram presentes no contexto *off-line* da vida dos sujeitos e fica a questão do quanto esta extensão pode trazer riscos a saúde dos indivíduos.

Referências

- Casarin, H. C. S. (2012). *Pesquisa científica: da teoria à prática*. Curitiba: InterSaberes.
- Dos Santos, F. C. (2016). As faces da selfie: revelações da fotografia social. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 31 (92), p. 1-16. doi.org/10.17666/319202/2016.
- Dos Santos, M. A. (1999). A constituição do mundo psíquico na concepção winnicottiana: uma contribuição à clínica das psicoses. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2 (3). doi.org/10.1590/S0102-79721999000300005.
- Elliott, A. (1996). *Teoria psicanalítica: Introdução*. São Paulo: Edições Loyola.
- Ferreira, F. R. (2008) A produção de sentidos sobre a imagem do corpo. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 12, p. 471-483. doi.org/10.1590/S1414-32832008000300002.
- Freud, S. (2016). O eu e o Id (1923). In: *O eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. Obras Completas. Vol. 16. (Tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Editora Companhia das Letras.
- Gil, A. C. (1987). *Métodos e Técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Editora Atlas.
- Guanaes, C. & Japur, M. (2003). Construcionismo social e metapsicologia: um diálogo sobre o conceito de self. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 19 (2), p. 135-143. doi.org/10.1590/S0102-37722003000200005.

- IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2016* - Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2016. IBGE, 2018. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 15 dez. 2018.
- Lanzarin, C. C. (2000). A fantasia e o baile de máscaras do final do milênio. *Psicologia: ciência e profissão*, 20 (3), p. 28-33. doi.org/10.1590/S1414-98932000000300006.
- Lescovar, G. Z. (2004) As consultas terapêuticas e a psicanálise de D.W. Winnicott. *Estudos em psicologia (Campinas)*, 21 (2), p. 43-61. doi.org/10.1590/S0103-166X2004000200004.
- Matuck, A. & Meucci, A. (2008). A criação de identidades virtuais através das linguagens digitais. *Comunicação, Mídia e Consumo*, 2 (4), p. 157-182.
- Moreira, J. O. (2010). Mídia e Psicologia: considerações sobre a influência da internet na subjetividade. *Psicologia para América Latina*, n. 20.
- Nicolaci-Da-Costa, A. M. (2004). Impactos psicológicos do uso de celulares: uma pesquisa exploratória com jovens brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (2), p. 165-174.
- Nobre, M. R. & Moreira, J. O. (2013 jul/dez). A fantasia no ciberespaço: a disponibilização de múltiplos roteiros virtuais para a subjetividade. *Ágora (Rio de Janeiro)*, 21 (2). doi.org/10.1590/S1516-14982013000200007.
- Palfrey, J. & Gasser, U. (2011). *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais*. Porto Alegre: Editora Grupo A.
- Romão-Dias, D. & Nicolaci-Da-Costa, A. (2005). M. Eu posso me ver como sendo dois, três ou mais: algumas reflexões sobre a subjetividade contemporânea. *Psicologia: ciência e profissão*, 25 (1), p. 70-87. doi.org/10.1590/S1414-98932005000100007
- Rosa, G. A. M. (2015). Estetização do self e elaboração psíquica: repercussões das redes sociais na subjetividade. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 35 (89), p. 424-440.
- Safra, G. (1999). A clínica em Winnicott. *Natureza Humana*, 1 (1).
- Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein*. Imago.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Editora Artmed.

Os autores:

Leonardo Maia Santos, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde (UNIFRAN). Graduado em Psicologia pela Universidade de Franca (2018) com bolsa integral do Programa Universidade Para Todos (PROUNI). Membro do Grupo de Pesquisa Violência Escolar e Promoção de Saúde na Escola (VEPSE) cadastrado no Diretório de Grupos da plataforma CNPq. E-mail: leonardomaia.psi@hotmail.com

A CONSTRUÇÃO DO “SI MESMO” FRENTE AOS PARADIGMAS DAS REDES SOCIAIS

Arali Helena Stort possui graduação em Psicologia pela Universidade de Franca. Pós-Graduação em Clínica Psicanalítica pela Universidade de Franca. Membro do grupo Psicanálise com bebês. Docente da Universidade de Franca - UNIFRAN. Psicóloga Clínica - Criança, Adolescente e Adulto. E-mail: arali.stort@unifran.edu.br

Recebido em: 03/01/2019.

Aprovado em: 30/12/2019.